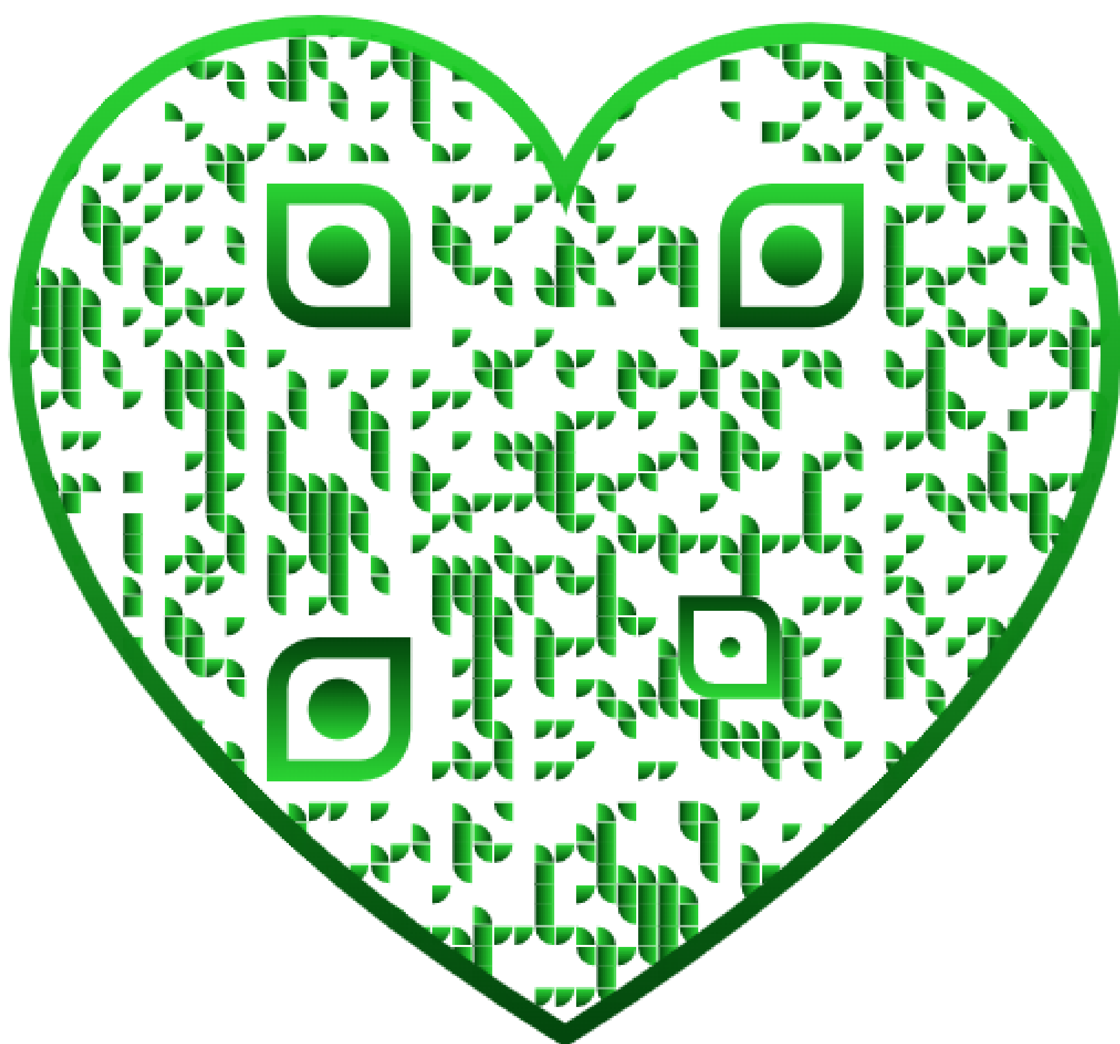
NINA MÜLLER

A PEQUENA Rosa



A PEQUENA ROSA

1ª Edição – E-book

2015

NINA MÜLLER

A Pequena Rosa © Copyright 2015 — Nina Müller

REVISÃO

Carolina Durães de Castro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 10/02/1998.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

Dedicatória

À minha madrinha, Nina Rosa, que há 10 anos que está enfeitando o jardim celeste.

Não acredito ainda no que está acontecendo. Minha irmã Ana Rosa era uma garota alegre, cheia de vivacidade. Tinha 19 anos, estava feliz porque havia passado no vestibular para cursar de Letras, a faculdade que tanto sonhava. E agora vê-la sem vida, deitada em um caixão rodeado de flores, é como se eu estivesse mergulhada em um pesadelo.

Meus pais estão arrasados. Mamãe chora desconsoladamente enquanto papai está com os olhos vidrados. Ele chorou muito quando encontrou a filha mais velha sem vida, deitada na cama, com a mão sobre o peito. Minha irmã teve um enfarte fulminante e morreu dormindo.

Agora eles só têm a mim, a filha mais nova de 16 anos. Estou tentando ser forte, por mim e por eles, mas não está sendo nada fácil. Com a ajuda de minhas primas, Tatiana e Carolina, nós estamos arrumando as coisas da Ana, enquanto o velório acontece na igreja.

— Bel, olha esse vestido que a Rosinha usou quando debutou. É lindo, né? — Tati está segurando o vestido de tafetá cor de rosa em frente ao corpo.

— Sim, é muito bonito! — concordo, me lembrando de como a minha irmã estava linda em sua festa. Ela era uma garota encantadora de cabelos e olhos castanhos.

— O que vocês vão fazer com as coisas que eram da Ana? — pergunta Carol enquanto eu arrumo alguns livros dentro de uma caixa.

— Não sei... A mamãe e o papai ainda estão em choque. Tia Vilma pediu para que eu arrumasse alguns de seus pertences, como os livros do colégio e os de literatura. Mas quanto às roupas, eu ainda não sei — respondo desolada sentando-me na beirada da cama.

Um livro que está sobre o criado mudo chama a minha atenção. Não há título na capa e tampouco nome do autor. Apenas uma estrela pequenina está desenhada no canto superior direito de fundo azul claro. O pequeno livro é um pouco surrado e está envolto em um laço branco de fita. Enquanto as minhas primas estão entretidas olhando as roupas, folheio as páginas e me deparo com a caligrafia da Ana. É um livro de poemas e citações.

Lembro-me que minha irmã adorava escrever e mergulhava horas a fio na atividade. Era normal mamãe chamá-la para jantar e Ana continuava absorta em seu mundinho particular. Quando ela não estava no colégio estudando, estava em casa trancada no

quarto, entretida com romances e poesias.

Leio algumas citações que ela escreveu sobre o amor e meu peito se aperta. As palavras são carregadas de sentimentalismo, de emoções. Parece que minha irmã conhecia o amor entre um homem e uma mulher em sua plenitude para escrever algo assim. Ana não tinha namorado. Pelo menos, é o que aparentava, pois sempre foi um pouco tímida e reservada, e raramente saia para ir a festas.

Entre vários poemas de autores conhecidos como Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Vinícius de Moraes escritos no livro, há alguns de sua autoria. Mas um especial, escrito por Vinícius, desperta a minha curiosidade. É não é pelo conteúdo e sim pelo que o complementa no final.

"Soneto de Fidelidade

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure."

Para o meu Romeu.

A dedicatória no final me deixa intrigada. Quem é esse Romeu? Eu não me recordo

de Ana Rosa ter um amigo com esse nome e conheço todos eles.

Ouço passos vindos do corredor e fecho o livro. Tia Vilma coloca a cabeça na porta entreaberta e seus olhos encontram os meus.

— Meninas, é hora de voltar para a igreja. — Carol e Tati começam a guardar os vestidos e eu me recomponho, tentando entender essa preciosa descoberta.

Saímos juntas e logo chegamos ao velório. Eu avisto meus pais e me acomodo ao lado deles. Não sei por que, mas trouxe o livro de poemas comigo. Enquanto algumas pessoas prestam condolências aos meus pais, eu aproveito para lê-lo. A sensação que tenho é que minha irmã está presente, do meu lado. É loucura! Eu sei! Mas parece que posso ouvir a sua voz musical ecoar em meus ouvidos, lendo junto comigo, como fazíamos antes de dormir.

— Isabel, minha filha, você está bem? — pergunta mamãe, limpando o nariz com o lenço e enxugando as lágrimas que caem, molhando seu rosto.

— Sim, mãe. — Eu tento não deixá-la mais abalada do que já está e ela me abraça, beijando o meu cabelo.

O tempo passa e o velório continua. A leitura me faz companhia e tenta acalmar o meu coração. Sei que se Ana Rosa estivesse aqui, ela não iria querer me ver triste. Ela sempre irradiava felicidade e vida por onde passava. E é assim que eu quero guardá-la em minha memória.

Ergo os olhos e vejo um rapaz alto, magro, de cabelos e olhos castanhos escuros se aproximar do caixão. Ele traz em uma das mãos um botão de rosa branca e sua expressão é de tristeza. Enxugando uma lágrima que cai, o rapaz deixa a flor sobre o corpo de minha irmã e acaricia o seu rosto com os dedos.

— Adeus, minha pequena Rosa — ele diz em um sussurro, gira o corpo e volta a se mover em direção à saída.

Eu me levanto e o sigo para fora da igreja. Preciso saber quem é esse moço que se referiu a minha irmã de uma forma íntima e carinhosa.

— Ei, espere! — digo um pouco ofegante logo atrás dele. O rapaz interrompe os passos e se vira para mim. — Quem é você?

Ele olha para o livro que está em minhas mãos e um sorriso triste se forma em seus lábios rosados.

— Eu me chamo Matheus. Mas a sua irmã gostava de me chamar de “meu Romeu”. — O rapaz volta a caminhar e desaparece em meio às pessoas que aqui estão.

Aperto o livro com força, contra o peito, refletindo sobre essa última descoberta.

Saber que Ana foi amada, ainda que brevemente, alivia um pouco mais o meu coração. Olho para o céu e sorrio, enquanto caminho em direção aos meus pais.

FIM

Outras Obras na Amazon

Amor em Julgamento, O Enigma da Borboleta Azul, Depois Daquela Noite

Contato

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

Facebook | FanPage | Twitter | Instagram

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!